

CONCLUSÃO

Esta pesquisa tem sua aplicabilidade voltada diretamente para a produção dos ambientes de trabalho. Entendemos que por serem locais nos quais o Homem exerce boa parte de suas atividades diárias, devem ser planejados de acordo com as aspirações de seus usuários. No projeto arquitetônico destes ambientes, as considerações sobre outros elementos, tais como o conforto ambiental e a ergonomia também são importantes e, felizmente, existem muitas pesquisas a esse respeito, que embora certamente ainda não tenham esgotado o tema, já fornecem bons subsídios para os planejadores destes locais. Da mesma forma, existem já consolidadas e bem-sucedidas metodologias de avaliação de desempenho dos ambientes construídos, como forma de analisar e produzir conhecimento para fomentar novos projetos de arquitetura. O que argumentamos é que **além de parâmetros técnicos, o Homem também está sujeito a parâmetros subjetivos e culturais**, não sendo passíveis de serem medidos com instrumentos que funcionem objetivamente, e esta é uma área do conhecimento em que não encontramos muitas pesquisas disponíveis. Por esse motivo, no âmbito da pesquisa desenvolvida no grupo ASC/PROARQ/UFRJ¹¹⁵, tentamos, com esta tese, iniciar uma proposta metodológica que consiga se aproximar da análise das aspirações e dos aspectos culturais dos usuários de escritórios, utilizando um instrumento tão subjetivo quanto os próprios elementos a serem analisados: o Homem, que assume a posição de observador do ambiente para poder compreender as lógicas internas de cada grupo social. Tais lógicas, entre outras coisas, contribuem para regular as sensações de aconchego, privacidade, apinhamento, incerteza, além de elementos como espírito de grupo e demonstrações de poder. Sensações e elementos se fazem presentes no ambiente, contribuindo ou prejudicando o desempenho produtivo e o bem-estar dos usuários, dependendo do nível ou do grau em que o suporte espacial estiver planejado para dar conta dessas situações.

¹¹⁵ Pesquisa apoiada pelo CNPq, intitulada "Análise Etnotopográfica do Lugar: sistematização de metodologia para análise do espaço construído", que tem o objetivo de sistematizar métodos de análise do espaço com foco na cultura do usuário.

Sustentamos que ao aplicar a proposta metodológica contida nesta tese, o arquiteto estará apto a projetar ambientes de forma mais adequada aos futuros usuários de seu projeto. Da mesma forma, entendemos que se a proposta não for utilizada, não será por esse motivo que o projeto não poderá ser um bom projeto de arquitetura, mas certamente, ao ser utilizada, a proposta metodológica contribuirá para que o projeto seja desenvolvido com maior sensibilidade, com mais possibilidades de responder aos aspectos subjetivos de seus ocupantes. É dessa maneira que esperamos contribuir para ser a conformação dos ambientes de trabalho tal, que estes não necessitem de modificações tão logo os usuários nele se instalem, por simples falta de adequação cultural do meio ao Homem¹¹⁶. Assim, um arquiteto pode, por exemplo, dar mais "evidência espacial" à estação de trabalho de um superior, se perceber que naquele local, a distância hierárquica se revela de extrema importância, ou, de outra forma, redistribuir melhor o espaço disponível, se verificar que a chefia, culturalmente, não considera importante o destaque espacial de sua estação de trabalho. Essas duas possíveis direções a serem tomadas no projeto de arquitetura de um escritório não são definidas simplesmente fazendo medições, entrevistas ou questionários. É principalmente a observação de cunho etnográfico, realizada durante um certo período de tempo, que vai fornecer a resposta *real* a esta questão¹¹⁷.

Para desenvolver esta pesquisa, iniciamos nossos estudos vinculando Homem – cultura – ambiente construído, pelo fato inquestionável de que o último é reflexo dos dois primeiros. Citando novamente Herskovits (1974), para quem cultura é a parte do ambiente feita pelo homem, entendemos que quando o Homem produz seu ambiente, ele o faz movido por suas próprias referências culturais.

É grande o número de autores que relacionam cultura e ambiente construído (ou cultura e espaço, usando uma terminologia mais afeita à geografia), como visto

¹¹⁶ Podemos dizer que a proposta metodológica teve sua utilidade posta à prova antes mesmo de ser elaborada na sua totalidade, pois foi por meio da exposição (em um seminário) de suas bases teóricas, somadas à nossa intenção de sua proposição, que um arquiteto nos conduziu a um de nossos estudos de caso, por ver que possivelmente poderíamos ajudá-lo na sua compreensão dos elementos culturais, com os quais ele vinha tendo dificuldades de lidar, na sua tarefa de reformar o escritório da empresa.

¹¹⁷ Lembramos de nossos próprios estudos de caso, nos quais um deles, como já mencionado no capítulo 6, o líder da organização exercia suas funções mais fora do que dentro de sua exclusiva sala, havendo ainda outros sinais de baixa distância hierárquica impressos neste ambiente.

desde a introdução desta tese e ao longo de sua fundamentação teórica. Considerando essa inseparabilidade entre cultura e ambiente, e considerando o caminho que ainda não foi suficientemente trilhado nas metodologias de avaliação do ambiente construído, estabelecemos a seguinte hipótese para esta tese: **é possível construir métodos de análise de ambientes de trabalho que levem em conta os dados culturais do usuário**; emergindo, a partir desta, o problema central a ser respondido pela pesquisa: **como avaliar os aspectos culturais nas análises de ambientes de escritórios?**

Pretendendo responder à questão, iniciamos nossa busca para desenvolver uma proposta metodológica de análise cultural dos ambientes de trabalho, mais especificamente, dos escritórios.

Para prosseguir em nosso estudo, inicialmente buscamos a delimitação de referências culturais que servissem de embasamento a esta tese. Vimos que o assunto é extremamente vasto, e consumiu boa parte de nossa pesquisa teórica. Dessa forma, após termos estudado as várias nuances que o tema pode assumir, definimos o fio condutor da nossa pesquisa, no que tange aos aspectos culturais.

Estabelecidas nossas referências, partimos em busca das dimensões culturais que serviriam de parâmetros para a pesquisa. Por meio do estudo das referências culturais adotadas e também da cultura organizacional, adotamos quatro dimensões culturais que funcionassem como indicadores da busca por reflexos culturais no ambiente construído: hierarquia e poder, coletivismo, controle das incertezas e delimitação de territórios.

Juntamente com o estudo das referências e das dimensões culturais, aos poucos esboçamos, teoricamente, como poderia se desenvolver a proposta metodológica de análise cultural. O uso da observação, nos moldes da elaboração de uma etnografia, já despontava como o caminho mais indicado, fato verificado durante o tempo dedicado ao estudo teórico dos temas pertinentes à cultura. A proposta metodológica propriamente dita, porém, deveria ser desenvolvida experimentalmente, diretamente no campo, seguindo por caminhos que a própria observação apontaria. Apesar disso, vislumbrávamos uma possível e eventual utilização, de forma complementar, dos métodos

tradicionais de avaliação de ambientes construídos, como por exemplo, o Poema dos Desejos e o mapeamento territorial, mas voltamos a ratificar, o uso destes ou não seria encaminhado pela própria observação.

A esta altura, tínhamos um grande problema a enfrentar: a falta de ambientes para pesquisar. Por meio dos caminhos expostos na tese, chegamos, enfim, aos nossos três estudos de caso para desenvolver nossa proposta metodológica: uma empresa particular e duas repartições públicas municipais.

A construção da proposta metodológica foi iniciada com a pesquisa na empresa particular e parcialmente em uma das duas repartições públicas. No restante do tempo de pesquisa neste local e posteriormente, na outra repartição, seis meses após o início da pesquisa de campo, pudemos aplicar a proposta já desenvolvida, servindo este último estudo de caso para a sua validação.

Munidos principalmente da vontade de observar e de um caderno (ou laptop) de campo, compreendemos que os primeiros dias de pesquisa de campo são confusos, sendo o ambiente novo para o observador (e sustentamos que essa é uma boa forma de tomar contato com o ambiente, pois como já reportamos, obtivemos informações prévias em um dos estudos de caso, o que nos fez recomeçar e ter que transpor as opiniões de outrem para que não influenciassem em nossa própria avaliação). Vimos que o desconhecimento das pessoas e das práticas diárias da empresa só é vencido com a própria observação, e podemos dizer que no sentido oposto, a recíproca é verdadeira. Os usuários, normalmente, não conhecem a pessoa que os está observando, mas observam-na também. Em determinados momentos da pesquisa, era quase possível “sentir” que o assunto do programa de mensagens instantâneas, utilizado pelos usuários dos computadores da sala em que estávamos, éramos nós mesmos. Podemos, humildemente, fazer uma referência a Malinowski, estudando o povo das Ilhas Trobriand, no início do século XX, quando dizia ter sua cabana observada por todos os nativos, enquanto ele era apenas um para observar a todos (FIRTH, 1997).

As dimensões culturais foram, aos poucos, revelando-se no ambiente. “Hierarquia e poder” e “delimitação de territórios” foram as primeiras a serem vistas, seguidas por “controle das incertezas” e “coletivismo”. Para todas, a observação foi

fundamental e podemos considerá-la a linha mestra que conduziu a pesquisa. Mesmo na aplicação de métodos complementares, é a observação que os permeia e une as informações, que analisadas isoladamente, dificilmente produziram o mesmo efeito. Dessa forma, fomos percebendo, no ambiente, reflexos de uma ou outra dimensão cultural, e não raro, um mesmo fato estava relacionado a mais de uma dimensão. Podemos citar como exemplo: um superior, que pelo cargo ocupado, tem duas mesas à sua disposição ("hierarquia"), colocadas no canto de uma sala, tendo ele um anteparo às suas costas e outro em uma de suas laterais ("controle da incerteza" quanto a uma exposição visual indesejada), e que por dispor de mais espaço, num "canto" só seu, tem mais possibilidade de personalizar sua estação ("delimitação de territórios") do que um outro funcionário, no meio do salão, que não conta com nenhum anteparo para pendurar um simples calendário, se fosse o caso. Como dito, um mesmo fato fornece análises sobre mais de uma dimensão, e este não é um exemplo isolado. As próprias dimensões "Delimitação de territórios" e "Controle das incertezas" estão intimamente ligadas, por meio das palavras "privacidade" e "controle". Quando reunidas na forma inversa, "controle da privacidade" (GIFFORD, 1997), concentramos em uma só expressão as duas dimensões.

Tivemos o cuidado de evidenciar, em quadros com aspecto didático, as partes relativas à configuração final da proposta metodológica, para facilitar sua visualização no texto. Cabe frisar que consideramos esta a sua configuração final para esta tese; as próprias dimensões *tempo* e *troca*, como mencionadas no interior deste trabalho, são candidatas muito prováveis a serem incluídas no rol das dimensões a serem pesquisadas, e certamente ainda poderão existir outras.

Com a elaboração da proposta metodológica de análise cultural dos ambientes de trabalho, esperamos ter atingido os objetivos propostos para esta tese, a saber:

- **Entender como as características culturais (dos usuários) exercem influência no uso e no aspecto do ambiente de trabalho.** Por meio da aplicação da proposta metodológica, conduzida pelo leque das dimensões culturais estudadas por nós, conseguimos montar uma relação entre os aspectos culturais

dos usuários e a forma pela qual o ambiente é utilizado e apreendido. Os sinais que as dimensões culturais deixam impressos no ambiente permitem que este seja passível de ser lido, como uma *linguagem silenciosa* (HALL, 1994).

- **Produzir parâmetros que contribuam com o desenvolvimento dos projetos de arquitetura de escritórios.** A partir do conhecimento produzido com a aplicação da proposta metodológica, baseada nas quatro dimensões culturais utilizadas, podem ser produzidas informações que funcionem como parâmetros de projeto, como por exemplo, local e possibilidades físicas para demonstrações espaciais de poder, quando houver grande distância hierárquica entre superiores e subordinados, porque é dessa forma que provavelmente funcionará melhor o ambiente de trabalho, ou local disponível para apropriação de territórios, de maneira a permitir que as pessoas expressem suas identidades, especialmente se a tendência dos usuários for individualista, com pouca tolerância a apinhamento e superposição de espaços pessoais (SOMMER, 1973).
- **Contribuir para o aperfeiçoamento do ensino da arquitetura.** Quanto maior for produção de conhecimento por meio de pesquisas que visem à identificação das relações entre aspectos culturais e os usuários de um ambiente, maior será a possibilidade deste conhecimento chegar de forma mais plena às salas de aula da graduação, e entendemos que, pesquisando sobre o tema, estamos colaborando para que este processo se fortaleça.
- **Contribuir para a sistematização do método de análise etnotopográfica¹¹⁸.** Como parte integrante desta pesquisa maior, que versa sobre vários ambientes, nossa pesquisa contribui para o seu desenvolvimento também, inserindo importantes parâmetros sobre os aspectos culturais presentes especificamente nos ambientes de trabalho.

A busca pelo bem estar do Homem, esteja ele em sua casa, no seu local de trabalho, no seu local de lazer ou na rua, é tarefa de todos nós, arquitetos. É função nossa projetar ambientes saudáveis e adequados para a peça mais

¹¹⁸ Já mencionada pesquisa fomentada pelo CNPq, em desenvolvimento pelo Grupo de Pesquisas Arquitetura, Subjetividade e Cultura, no qual esta pesquisa está inserida.

importante de todos os projetos de arquitetura: o seu usuário. Esperamos, com esta pesquisa, que a arquitetura dos ambientes de trabalho possa ser vista como um “cenário atuante” do desenvolvimento de forças produtivas, moldado pelos usuários que a utilizam enquanto estão *produzindo* o seu próprio trabalho. Nesse ponto, cabe ao arquiteto compreender como o homem percebe, utiliza, avalia e dá significado ao seu ambiente, sendo, pela interação produzida (entre homem e ambiente), o primeiro considerado como parte do segundo.

Concordamos com Gifford (1997), quando este autor argumenta não haver um único projeto de escritório que seja o melhor para todos os funcionários; além disso, o autor também sustenta que, apesar de haver boas intenções por parte dos projetistas, os locais de trabalho são em sua maioria projetados para os funcionários, em vez de – **com** – os funcionários. Portanto, entendemos que a criação de uma proposta metodológica que torne legíveis as aspirações e subjetividades de um grupo de usuários – seja como a soma de vários indivíduos ou seja como uma coletividade – é fundamental para que comecemos a ter mais informações para subsidiar o arquiteto, no momento em que ele elabora o projeto de tais ambientes. Esperamos, assim, que haja uma maior adequação destes locais aos seus usuários, para que, nas palavras de Gifford, “*muito mais necessidades sejam satisfeitas envolvendo os funcionários na moldagem do espaço onde eles passarão muitos dos melhores anos das suas vidas*”¹¹⁹.

Voltamos a frisar que apesar de se revestir de um caráter inédito, a proposta metodológica aqui produzida não se encerra com a presente pesquisa; ela ainda apresenta um largo campo de investigação, possivelmente não haverá um “ponto final” para essa busca, afinal, a metodologia procura reflexos de algo que é extremamente dinâmico, a cultura, produzida por um elemento que está em constante mutação: o Homem. Assim, entendemos que a busca pelo bem-estar das sociedades humanas nunca estará encerrada; sempre haverá algo novo para ser acrescentado a ela.

¹¹⁹ GIFFORD, 1997, p.304. Tradução livre da autora.